

40ª Bienal de Veneza - 3

As cores da Itália e o conceitualismo alemão

RADHA ABRAMO

VENEZA — Em oposição aos italianos e à sua alegria, alegria secular de lidar com as cores, os artistas da República Federal Alemã (Alemanha Ocidental) que expõem no pavilhão de seu país na 40.ª Bienal de Veneza, nos Giardini del Castello, merecem aplausos pela sua exacerbada enunciação.

Hanne Darboven, por exemplo, trabalhou quatro anos construindo fórmulas perfeitamente iguais, que ela relaciona minuciosamente no seu calendário particular e pessoal, único. Reproduziu em xerox esse calendário com cinco mil cópias, montando-as com a mais zelosa e perfeita precisão sobre os seis muros altíssimos do salão. Do teto ao piso. Cinco mil cópias. É uma obra conceitual, uma das poucas da Bienal, mas a mais fantástica. Depois disso, a tenaz Hanne Darboven deve estar convascendo em alguma casa de repouso.

Outro alemão muito especial, e muito romântico, Wolfgang Laib, colhe na primavera o pólen de flores diversas como o dente-de-leão e o pinho selvagem, juntando-os, amarelos, em potes de vidro. Com a mistura dos pólenes, Laib pintou um quadro no piso de sua sala tornando-a uma zona de luz incomparável.

OS FRANCESES

A França apresenta dois artistas interessantes: Toti Grand e Hantai. O primeiro faz cilindros de madeira e resinas plásticas colorindo as superfícies, numa face de negro e na outra deixando a transparência do plástico conferir luminosidade ao cilindro, que parece um tronco de árvore perfeitamente cortado nas duas extremidades. O segundo, Hantai, expõe enormes telas de tecidos fartamente coloridas, alegres e profusamente luminosas. Sua técnica é simples, simples mas complicadíssima. Ele dobra várias partes do tecido e sobre algumas áreas joga a tinta. Ainda não seca a tinta, Hantai abre o pano, esticando-o nas extremidades. Surgem como que por magia diversas e variadas formas pintadas e entremeadas de zonas brancas. A tinta faz o papel do negativo e as zonas brancas de positivo. Há certa semelhança entre seu trabalho e o do norte-americano Jackson Pollock, mais precisamente no fazer artístico gestual e lúdico. Em outras telas, Hantai usa um recorte triangular, expondo-as de "Tábulas", mas, após a pintura sobre o tecido, ele o dobra dando aos retângulos uma bonita textura cheia de relevos. As telas são gigantescas; às vezes ele usa apenas uma cor, trabalhando-a em suas gamas. Outras têm mais de uma cor. De modo geral essas telas provocam uma grande alegria — são decorativas, leves e sobretudo espargem muita luminosidade.

SEM PRECEDENTES

A alma espanhola — se assim se pode chamar esse fenômeno — não tem precedente na história da pintura. Onde há um espanhol há uma força telúrica total e uma inventividade arrojada, patrocinada pelo senso erótico e pela paixão de criar. As esculturas de José Abad são barrocas, negras, conturbadas, insólitas. O artista transforma os objetos, como mesa e utensílios sobre ela, em escultura. Monta um altar com bugigangas estranhas, votivas, das superstições mais baratas, ou constrói uma porta com diversas portinholas de vidro, fechando nesses diminutos cubículos objetos raros e absurdos, que dessa forma se tornam também — eles próprios — esculturas. Tudo é pintado de preto, um preto brilhante, forte, chocante, negro como a morte.

Em oposição a Abad, Rosa Torres Molina fez uma pintura sobre grandes telas, de traços econômicos, todas voltadas para a pesquisa da luz. Ela recorda a paisagem, corte metonímico, e desenha com o pincel traços largos e abandonados, pintando árvores, plantas, um lago. Sua pintura é decorativa, diáfana e repousante.

SMITHSON

Entre outros tantos artistas, dois merecem algumas linhas a mais. Um deles é o norte-americano Robert Smithson, que morreu ainda jovem (35 anos) em 1973 e que na década de 60 se revelou como artista-pensador de certa importância. Ele fazia suas obras com blocos de pedras e minerais e contribuiu para as pesquisas da Land Art ("land" igual a terra) com grandes projetos ambientais. Sua paixão era a geologia, a erosão, e a estratificação, o seu fascínio. Transformava, com seus materiais, em espaços abertos, os lugares que a seguir transformaríamos a paisagem. Os Estados Unidos prestam com esta mostra (composta de peças, projetos, slides, VT e fotos) uma homenagem póstuma a esse artista de grande imaginação.

MUNDO DO FUTURO

Mas a Venezuela, representada pelo poético e cósmico escultor Alejandro Otero, empresta a 40.ª Bienal de Veneza uma sensação de mundo futuro. Uma de suas obras, gigantesca (tem uns 50 metros de comprimento e chega, na altura, ao 3.º an-



Obra de Camargo, em exposição.

dar de um prédio comum), está exposta na entrada dos esplêndidos Giardini del Castello. Preocupado com o dinamismo visual e a volúpia do espaço, ele constrói elementos modulares compostos por chassis de metal, deixando o espaço interno aberto.

Dentro de cada um desses espaços, à semelhança de um ninho de abelhas, placas do mesmo metal, presas a um eixo, lembram folhas de papel. O vento faz girar essas placas, dando às grandes construções um movimento ondulante e criando sons nas alturas, um ruído de guizos que alegria o ambiente. O sol, a luz, a manhã, a tarde, a noite, a primavera, o outono, o verão e o inverno, a natureza, enfim, agem sobre a obra de Otero, modificando-a à medida que as horas do dia transcorrem e as estações se sucedem umas às outras, tornando-a uma entidade alternadamente solazante, alegre, viva, grave, sombria.

Mas a obra mais inquietante desta 40.ª Bienal de Veneza é a do suíço Dieter Roth, que nos mostra um painel de fotos da vida diária, fotos polaroid, em cores, com manuscritos em alemão, numa letra absolutamente impossível. Só os lugares onde as fotos foram tomadas são legíveis. Esta obra, que possivelmente tenta expor os flagrantismos da vida de uma pessoa preocupada com o mundo que a cerca, não tem começo nem fim e parece ter sido completada com a ajuda de terceiros. Uma coisa se pode dizer, é que o artista tem muito dinheiro para comprar artigos em grande profusão e para fazer seu catálogo em xerox, tipo de cópia que custa caro em qualquer parte do mundo. Roth não foi nem um pouco econômico, xerocou a exposição inteira tornando seu catálogo uma verdadeira obra, distribuída gratuitamente aos interessados. Mas, como esse catálogo pesa muito, mais de três quilos, ele era encontrado pela Bienal, nos estandes de outros países, abandonados sobre cadeiras, atrás das portas. Encucadíssimo o suíço Roth: Não entendi nada, embora me tivesse esforçado para captar a onda na qual esse artista peculiar vive.

O Brasil exhibe Sérgio Camargo, excelente artesão construtivista do mármore, e o jovem Tunga, com suas esculturas de feltro (que lembram as do alemão Beuys), ambos representantes de algumas das vertentes vanguardistas do Brasil.

Sérgio Camargo é um artista consagrado, tem um discurso plástico definido e uma obra de rigor artesanal indiscutível. Na Bienal de Veneza ele exhibe esculturas brancas e pretas. O jovem Tunga faz suas experiências com cuidado e com inventividade, mas o feltro (material quente, adverso ao clima e à vida brasileira de suas esculturas repele quem é brasileiro e atrai quem vive nos países frios. Os materiais empregados na confecção das obras — ou o contrário dela — porque têm uma textura tátil, cor, densidade etc. A representação brasileira mostra um Brasil que não conheço, que não reconheço, um Brasil racional, duro, gelado, um Brasil que não está nos trópicos e na zona temperada, mas nos álgidos e soturnos mares do Norte.



Em "Paisagem 8", de Rosa Molina, o importante é a pesquisa da luz.